



DEPOIMENTO

LUIZ PAULO BASTOS SEREJO

Em 2003, servidor aposentado da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu os cargos de secretário de comissão e de chefe de gabinete.

ENTREVISTADORES:

Glória Varela, Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho e Pedro Ivan Pellegrini.

LOCAL:

Brasília

DATA:

8/9/2003

DURAÇÃO:

1 hora, 38 minutos

TÓPICOS:

O funcionamento da Câmara dos Deputados no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro; a organização e a transferência para Brasília; a dificuldade de aceitação da transferência; o início de Brasília; o time de futebol da Câmara; a convivência com João Gilberto, na época servidor da Câmara.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – A primeira pergunta que fazemos a todos que participam do projeto é: como, quando e em que circunstâncias começou a trabalhar na Câmara?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Muito bem. Já faz bastante tempo! Foi precisamente em 5 de fevereiro de 1947.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – 47? O senhor era uma criança.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – E por ter entrado naquela época, bem no início – depois da ditadura – fui o responsável pelo primeiro escalão de transferência do Palácio Tiradentes, do Rio para cá. Chegamos aqui dia 8 de abril de 1960.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O senhor entrou por concurso?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não. Em 1946 foi reaberto o Congresso. Naquela ocasião, devido aos oito anos de ditadura, muitos já haviam se aposentado, e a Câmara trouxe de volta os funcionários que haviam sido aproveitados nos ministérios. Mas havia muitas vagas das aposentadorias acontecidas. Resultado disso é que muita gente... entre eles Paulo Affonso, colega nosso que foi ministro do Tribunal de Contas e secretário-geral da Mesa. Nesse ano, entrou depois de mim, mas foi também nomeação, porque não havia realmente concurso para engenheiro, Luciano, que foi meu colega de colégio no Santo Inácio, no Rio, em Botafogo. [O entrevistado refere-se a Dr. Luciano Brandão, ex-diretor-geral da Câmara dos Deputados.]

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E qual a sua função quando entrou na Câmara?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Quando fui nomeado... bom, aí, em 46, com a Constituição promulgada, o que aconteceu? Em 1947, eu entrei na Câmara porque havia, me parece, oito vagas. Então, fui nomeado mas não fui efetivado. Eu e mais seis ou oito colegas não fomos efetivados. Após cinco anos criaram um quadro de auxiliar isolado, e fiquei sendo auxiliar. Antes, fui nomeado datilógrafo e fui trabalhar na Taquigrafia, onde também trabalhava Paulo Affonso, só que ele entrou em 1946 e tinha sido efetivado. Ficamos assim durante muito tempo, mas valeu.

Hoje, depois de tanto tempo percorrido, de tanto caminhar, acho que está tudo certo para dar certo, acho que está tudo muito interessante. Fatos que de certa forma nos deixaram um tanto quanto desequilibrados e desarmonizados, hoje a gente olha e vê – é tão engraçado, tão interessante – que foram eles que nos trouxeram

exatamente aquela condição ímpar de percebê-los como adubo malcheiroso que nos deram a condição de florescer.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Em 1960, quando a Câmara foi transferida para Brasília, o senhor veio de bom grado ou integrou aquele grupo que resistia à mudança?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Eu simplesmente observei o processo, não me inquietei e não me afligi. Houve naturalmente algo que acontece geralmente com todos. Foi exatamente aquela flexão interna, no sentido de nós nos dispersarmos daquela formalidade praiana. Aqui não haveria praia. E eu não ia ao Palácio Tiradentes, à Câmara, sem antes ir à praia. Eu gostava muito de esporte: vôlei, futebol, isso fazia parte, como um órgão, do meu corpo, como se fosse um órgão. Isso me deixou um tanto quanto preocupado. Pensei como aceitaria aquilo a que não estava habituado, deixando de lado aquilo a que estava acostumado.

Isso é muito interessante, eu aprendi muito. Dentro do sistema dual, que é este, físico – mental, temos que viver as duas situações. Lutamos tenazmente para eliminar uma coisa e escolher outra. Inventaram o mau e o bom, mas o que existe realmente é o consciente e o inconsciente, ou, melhor dizendo, o inconsciente e o consciente. Isso evidentemente com a prática do viver vamos apurando, e as coisas vão tornando-se cada vez mais claras. E vamos agradecendo tanta coisa importante e interessante.

Eu tinha dificuldade de chegar à Câmara e encontrar o diretor-geral, Dr. Adolfo Gigliotti, que não sei por que “razão” mas presumo, não simpatizava comigo. Eu ainda não tinha 21 anos quando entrei na Câmara. Completei em março, no mês seguinte. Mas era uma coisa fantástica. E eu era muito nervoso, apesar do esporte; eu poderia ser relaxado, mas eu era meio duro. Rapaz, eu era ferozinho! Eu era ferozinho! Tínhamos discussões, brigas no corredor. Engraçado que ele não abandonava esse comportamento de forma alguma e eu não abandonava o meu; eu reagia como se ele fosse um elemento da minha idade. Eu poderia ter entrado com um processo administrativo, mas não é igual, é interino. Depois, com o tempo, comecei a pesquisar; eu queria saber a razão daquilo, porque não era eu contra ele, mas ele contra mim. Um dia eu vim a saber: quando ele era estudante, ele é de Minas, foi estudar no Rio e conheceu uma irmã adotiva do meu pai e tentou namorá-la.

Naquela época existia um cuidado especial, fazia-se uma pesquisa para ver que elemento era aquele, a fim de aceitar ou não o namoro. O amor era encarado de forma

muito deformada. E chegaram à conclusão de que ele não servia para ela. Eu penso que tenha sido isso, porque ele foi convidado a não aparecer mais. Eu presumo que tenha sido isso.

Para mim isso tudo que aconteceu não foi nada. Não foi nada. Ficaram para mim duas coisas importantíssimas, e ele sabe disso. E ele sabe disso. E ele sabe disso. A primeira foi quando aprovaram o projeto para efetivar-nos como auxiliar de secretaria. Ele me chamou em seu gabinete e disse-me: “Serejo, eu te chamei para dizer que o projeto vai ser votado, já foi dado o parecer, e o número de funcionários interinos não é o que o projeto está mencionando. O projeto menciona seis, mas são oito, mas eu vou trabalhar por você.” Isso para mim é tudo. Isso para mim é tudo. Outro fato muito interessante ocorreu quando cheguei à Brasília e depois de chegar – que foi o primeiro escalão – é que enviaram os outros funcionários. Inclusive ele ainda tinha lá muitas coisas para realizar, e chegou... Eu esperava o ônibus no Eixinho Sul – fui morar na 106 Sul. Primeiro morador do Bloco I, que antigamente era Bloco 9 –, ele passou de carro, mandou o motorista parar e me deu uma carona. E eu fui com ele. Achei isso muito interessante, depois de tanta perseguição e de impropriedade, de tanta coisa.

Mais tarde, em razão de ter acontecido isso – a D. Nadir Figueiredo é que era secretária dele – naquela época havia a facilidade de receber passagem de graça para ir ao Rio rever os parentes, os pais etc. O Héber, que depois se formou e passou a ser médico da Câmara, e outros, iam a D. Nadir e apresentavam requerimento pedindo passagem, e ele autorizava. Eu peguei um requerimento que o Héber fez e entreguei a ele. Dois dias depois saiu o resultado. A D. Nadir Figueiredo, sua secretária, disse-me: “Serejo, você sabe como é o Dr. Adolfo, ele negou para você”. Então, ele continuou com aquele mesmo sentimento em relação a mim, mas teve momentos de lucidez e me provou que a luz está em todos e com todos.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Nesse período de 1947 em que você tomou posse, se lembra de quantos servidores havia na Câmara e quais as atividades desenvolvidas pela maioria deles?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Oficial legislativo, que hoje representa o analista, e datilógrafo. E tinha o pessoal de portaria, os contínuos e os serventes. Era o que tinha. Ah... Tinha também os redatores. O número chegava, incorporando o pessoal de portaria, a uns quatrocentos e poucos.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Como era o relacionamento dos servidores no Palácio Tiradentes? Havia muitos conglanamentos, todos se falavam? Havia o futebol... Como era isso?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Como você sabe do futebol?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – É uma paixão do carioca.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Vou responder sobre o futebol mostrando a fotografia que eu trouxe.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – É de quando essa fotografia? De quando é, Carlos Henrique?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não coloquei a data na fotografia, mas no original deve ter, depois eu vou procurar. Essa fotografia que vocês estão admirando foi tirada no campo do Fluminense, no Rio. Eu tive a idéia de organizar um time de futebol da Câmara. Aí me nomearam presidente. Jogamos no Vasco, no Fluminense, no Botafogo. Vou dar o nome de todos que aparecem na fotografia.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Jogavam contra quem? Quem eram os adversários? Jogavam no campo do Fluminense, mas com quem o time da Câmara jogava?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Arranjávamos sempre um time da mesma faixa nossa. Jogamos uma vez com a reserva do Botafogo, se não me engano, não posso garantir, mas me parece que houve esse jogo.

Esta fotografia é de 1952. Todas essas fotografias são para vocês. Esse aqui é bom. Campo do Fluminense, 1952. O time de futebol, em pé, da esquerda para direita: Luís Sérgio Piquet, que era filho de uma colega; Alcides Martins Toledo; Newton Lage, esse era da Portaria; Saul Drumond Coelho dos Reis, que era louco para vir para Brasília, e eu desejava ficar no Rio. Ele ficou no Rio e eu vim para Brasília. Jairo Vianna, que era o goleiro, perdeu a esposa no mês passado, mora em Arraial d’Ajuda, tem uma pousada. Hugo Levi, que foi secretário do presidente, do vice-presidente etc., teve sempre um comportamento assim. Paulo Alberto Portinho da Silva, que era taquígrafo e tinha uma gráfica muito grande no Rio. Depois se aposentou, mais ou menos na mesma época que eu, e retornou para o Rio. Paulo Maestrale, sobrinho do diretor da Contabilidade lá do Palácio Tiradentes, no Rio; Edílio Barberis, que foi da Comissão de Orçamento durante muito tempo; Aloízio

Gomes da Silva, da Portaria; Adroaldo Mesquita da Costa, que, depois de aposentado, ainda trabalhou por aqui; e parece que sou eu aqui – dizem. Isso com relação ao futebol. Então, nós nos dávamos. Em relação à pergunta sobre o comportamento que existia, se havia conexão ou não entre os funcionários, existia. Muita. Todo mundo trabalhava lá de terno e gravata, mas, evidentemente, a gente tirava o paletó e colocava nas costas da cadeira. Sempre houve muita disciplina. Sempre houve muita disciplina! Não uma disciplina imposta. Era uma coisa natural – tinha menor número de pessoas, não é? Então, a gente se conhecia, a gente se dava. No prédio, não era isso que existe aqui. Não era. Então, tudo isso facilitava o convívio.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Serejo, havia muitas mulheres que trabalhavam na Câmara nessa época ou as mulheres eram minoria?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, não eram minoria não. Havia um equilíbrio. E foi em 1951 que João Gilberto, o famoso “Bossa Nova”, ingressou na Câmara, porque um tio dele era primeiro-secretário e o colocou lá. João Gilberto ficou nove meses, para nascer realmente como criador da Bossa Nova. Ele queria que eu o acompanhasse, porque éramos muito unidos. Nós éramos muito unidos e trabalhávamos na Seção de Expediente, cujo chefe era o Dr. Cid Vellez. Trabalhávamos lá.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Está vivo?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, já faleceu. Só para dar um exemplo, porque eu tratei do Cid Vellez, vou-lhes mostrar como eu era afetivo, como eu era brincalhão, como eu gostava de conexão, como eu tinha amigos, gostava disso tudo e era amigo dele também, mas eu não gostava de certas coisas. Certas coisas que eu não fazia, eu repelia. Eu chegava na Seção e ia fazer o meu serviço. Enquanto eu não fizesse o meu serviço, eu não tinha conversa com ninguém. Estava no meu serviço. E o serviço que eu dedicava, esse estado, era com relação a tudo e a todos. O Cid, coitado, ele era um pouco nervoso, sabe? Não no sentido de estar em cima das pessoas, mas, por exemplo, o diretor trazia algo para ele fazer, mandar fazer. Ele, como tinha sido nomeado pelo diretor-geral, ficava naquela perturbação de atendê-lo imediatamente. Eu estava escrevendo o que eu tinha que fazer, fichando tudo direitinho... Ele chegava e dizia: “Faça isso aqui, rápido!” E eu dizia: “Ó, Cid Vellez, não bota as coisas que você traz em cima daqui, porque eu estou escrevendo. Pode até afetar, pode até sujar. Não faça isso. Você me dá e eu vou fazer. Assim que terminar esse aqui eu faço o outro. Eu não posso interromper isso aqui, e não me

jogue as coisas em cima”. Aí, um dia, ele chegou outra vez lá e jogou em cima. Jogou em cima!

Eu peguei aquilo tudo e joguei longe, caneta, minha cadeira. Disse: “Tchau e bênção!” e fui embora. Não apareci mais, naquele dia, lá – eu era assim; era uma loucura total –, para esvaziar, para desgastar, para jogar o lixo, essa coisa... E ele estava me ajudando a isso, estava me ajudando a eliminar essa estupidez. Mas não tinha, de jeito nenhum, nenhum antagonismo, nenhuma briga, nenhuma inimizade, coisa nenhuma. Ele sabia como eu era e eu estava me conhecendo, e a favor dele, em razão dele, ele me ensinando. Então, tudo isso eu estava vivendo naquele presente sem nenhuma premeditação.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Serejo, você disse que trabalhou com o João Gilberto. Vocês chegaram a trabalhar juntos? Ele vinha dar expediente normal?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Quando ele vinha, não é?

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – É. Você chegou a trabalhar com o João Gilberto, colega?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Ah, João Gilberto! João Gilberto tinha a função dele – cada um de nós tinha a sua função. Trabalhávamos na Seção de Expediente – eu tenho uma fotografia aqui, do pessoal. Amarildo de Albuquerque não era da Seção, mas estava sempre lá conosco. Era muito amigo do Cid Vellez. Ele trabalhava em outra Seção que agora não me lembro qual. Mas está na fotografia. Então não deixei de colocá-lo. E botei aqui, entre parênteses: não era da Seção. Mas era: o Cid Vellez, o chefe; era o Sandoval Ribeiro da Silva, que, quando eu me aposentei, continuou aqui e chegou a ser chefe de Portaria.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Aqui?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Era aqui mesmo, nesse anexo. Ele casou com uma moça que fez concurso para cá e chegou a uma condição muito boa. Ele está vivendo muito bem. Acho que ele passou, depois, a ser analista também. Augusto César Galvão. Bom, aqui: João Gilberto. Garotos da Lua! Tinha o Bando da Lua e o Garotos da Lua. O Bando da Lua foi para o exterior, para os Estados Unidos. Eles, não. Ele criou o Garotos da Lua.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Depois se separaram.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – É. Então, está aqui: Amarildo, Cid Vellez, Sandoval, Augusto César Galvão, cujo pai tinha sido funcionário da Câmara, já tinha se aposentado antes, na época da ditadura. Quando acabou, fechou, ele se aposentou. Arina Ribeiro de Carvalho, que faleceu de repente, coitada! Não tinha nada. Resolveu tomar uma anestesia, um não-sei-o-quê, foi embora. Najla Jabor de Carvalho... Tem um fato, que eu vou contar aqui, interessante. Na Seção de Expediente... Não foi, na ocasião, na Seção de Expediente. Foi quando eu trabalhei na Seção de Sinopse. Ela era casada com o Dr. Maia – Dr. Maia foi o médico da minha mulher quando do nascimento do meu terceiro filho – e ela era pianista, era compositora. As músicas dela, músicas eruditas, tocam na Inglaterra – aqui não tocam, não sei. Ela passou uma fase um pouco difícil, porque teve um filho com uma porção de probleminhas físicos. Físicos! Porque, mesmo com essas dificuldades, ele formou-se em Direito. E tinha dificuldade de falar e tudo, de pronunciar as palavras. Dona Najla, em razão dessas coisas, que evidentemente a afetavam... A chefe da Seção era... como era o nome dela?... Inah! Acho que era Inah, tenho quase certeza. Tinham todos muito cuidado com ela. Eu não sabia disso. Eu tinha sido designado para lá, para a Sinopse – eu chegava na hora certa, era à base de cartão também –, e a Dona Najla, de vez em quando, ou quase que sistematicamente, chegava um pouquinho tarde. E a Dona Inah, que era chefe da Seção, em vez de me avisar: “Eu vou dar um toque em você. Você agüenta, porque eu não quero fazer isso diretamente com ela”, mas não. Quando ela entrou: “Poxa, você só vem tarde, porque não sei o quê!” Virei bicho. Virei bicho novamente! Acabou aquele negócio, fiquei chateado, porque ela era mulher, não podia ser do mesmo jeito. Mas o fato é que depois ela me chamou e disse: “Rapaz, ela está chegando sempre tarde, e eu não queria chamar a atenção dela.” Eu disse: “Bom, tudo bem. A vida continua”. São fatos assim interessantes, engraçados, que acontecem e fazem parte da nossa vida. Bom, dando prosseguimento à lista da fotografia, tem a Terezinha Cardoso, eu e Adolpho Ferreira Bastos, que faleceu agora em fevereiro. Adolpho Ferreira Bastos conhecia todo mundo, se dava com todo mundo. Era da Portaria, mas acabou... Ele se dava com todo mundo. Era uma pessoa realmente fora de série. Provavelmente era até meu parente, porque sou Bastos também. Sentados estão: Dolores da Glória Santos, uma pessoa... Eu não sei se os senhores chegaram a conhecê-la. Ela trabalhou aqui também. Não me lembro quando ela se aposentou. Se aposentou depois de mim, alguns anos depois. Uma pessoa fora de série, sempre preocupada em ajudar os colegas, fossem eles quais fossem. Uma pessoa fora de série. Maria das Dores Montenegro, que era casada com um deputado, e Maria das Mercês Santos Costa. Esta é a Seção de Expediente em que nós vivemos. Acrescenta-se depois o

João Gilberto. E agora vou falar sobre ele, se vocês quiserem ouvir, porque eu acho que vale a pena a Câmara ter na sua história um elemento que...

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Cadê a foto do João Gilberto? Em que ano foi isso? 51?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – É, 51. Aqui está o Saul, aqui está o João Gilberto – cortaram; infelizmente, cortaram – e todos os outros que estão aqui.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Tem outra foto em que aparece ele junto?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, a outra foto é dele com o tal grupo, o Garotos da Lua. Ele ainda era cru. Ele me deu isso no dia do aniversário do meu pai.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Há uma foto. Qual é ele aqui?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – É ele aqui.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – É esse aqui?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – É esse aí.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Então ele vinha dar expediente normal, trabalhar com vocês?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Trabalhava no expediente normal.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Ele tinha um tio primeiro- secretário?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Tinha, tinha. Baiano.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Era o tio que era primeiro- secretário?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Como era o nome dele? E agora?

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Não tem problema. Ele tinha um tio que foi primeiro-secretário.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Era primeiro-secretário. Foi em 51, é fácil de constatar quem é. Mas o tio dele o colocou e o tio dele o tirou! Sabem por quê? Porque ele passou mais de um mês desaparecido. Não aparecia lá. Aí, o tio ficou uma fera. Quando ele chegou, mandou ele embora. Era interino, não é? Mas eu escrevi para a *Revista da ASA*, recordando João Gilberto. Vocês querem que fique registrado aqui, na minha voz, o que foi escrito? Não, isso vocês publicam. Está aqui exatamente o comportamento dele e a amizade que ele sempre dedicou aos colegas. Mas sempre foi assim, muito arejado: ele chegava tarde, atrasado e ficava escondido no corredor espiando, a meio-rostro, o Cid Vellez, o chefe, que ficava sentado exatamente naquela direção. Ele ficava espiando. E o Cid escrevia muito. Então, estava sempre mergulhado, e com os óculos aqui. Para enxergar, ele tinha que colocar os óculos. Então, estava aquele movimento, ele perguntava o que estava havendo, porque todo mundo estava rindo. Todo mundo ria. E todo mundo ficava satisfeito, feliz, quando ele vinha, quando ele chegava. Ele estava sempre inventando algo que não atrapalhava o trabalho e relaxava a gente. E tinha pessoas esquisitas que iam lá. Ele olhava por baixo do braço para a pessoa que entrava. Mas o João Gilberto ficava espreitando, até que, num determinado momento, Cid Vellez o encarava. E ele deixava, porque, senão, ficava escondido sempre, não via. Todo mundo achando graça e o Cid Vellez queria saber o que era. E quando o Cid Vellez ia falar alguma coisa com ele, iniciava, dizia alguma coisinha a respeito do atraso, ele saía correndo na sua direção, o abraçava e dizia: “Eu sabia que o chefe ia dizer isso, eu tinha certeza! Dê cá um abraço, chefe!” E tudo desaparecia. Ele inventou isso porque, no fundo, ele era musical, e a música tem as suas atenuantes. O lanche era numa leiteria que tinha na rua da Assembléia, logo perto da Câmara. Éramos eu, ele e Saul. Quando ele sumiu, foi posto na rua pelo tio, foi encontrado na Praça Paris, deitado, com suas coisas, num banco da praça. E o Osíris, um colega nosso, que tinha uma memória muito pior do que a minha, o encontrando, o convidou e o levou para o apartamento dele, no centro da cidade. Para lá ele foi e ficou. Só que, um dia, Osíris chegou em casa e não tinha mais uma roupa dele, nem ele. Não tinha mais nada. Ele ficou apressivo. Disse: “Mas o que será isso, meu Deus?” Passou um pouco de tempo e os jornais noticiaram ele com contrato em São Paulo. De São Paulo foi para os Estados Unidos e, daí, ele surgiu. Há pouco tempo eu o encontrei onde ele estava morando, no Leblon. Eu, indo ao Rio, fui lá. Falei ali debaixo do edifício ao telefone. “Serejo!” Ele conhecia minha voz. “Mas, Serejo, e Saul?” Aquela mesma coisa. Eu disse: “Olha, está tudo bem, está tudo maravilhoso, especialmente este momento presente que estamos vivendo, este instante. Agora, está faltando uma coisa. Eu quero te ver pessoalmente. Eu estou aqui embaixo. “Ah, agora que está difícil. Está difícil, porque essa noite eu não dormi a noite toda, porque não sei o quê”. E disse: “Tudo bem.

A vida continua. Eu já ouvi tua voz, você já ouviu a minha, você soube de pronto quem estava falando com você. Estamos integrados.” Essa foi a última vez que falei com ele. Deve haver uns seis anos. Não importa, se a pessoa vai estar ou não, se a outra quer ou não, importa o que está na profundidade de cada um de nós. Queira a cabeça ou não, essa ligação permanece, como está permanecendo minha ligação com o Dr. Adolfo Gigliotti. Foi ótima a idéia de vocês de escreverem um livro sobre a história da Câmara, em que estamos embutidos nela. Deixo registrado o meu sentimento, como ficou registrada a voz do João Gilberto, fluindo no meu ser.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E a relação com os deputados, como era a atividade deles no Rio?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Com relação aos funcionários?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Sim.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Maravilhosa. Não tinha como o elemento se distanciar. Estávamos vivendo num navio, onde todos podiam, a qualquer momento, afundar. É engraçado. Estávamos vivendo aquilo de forma muito legal.

Vou citar algumas coisas de que havia me esquecido. O Dr. Samuel Duarte, o presidente da Câmara, era deputado pela Paraíba. Entre presidentes tudo era assim... Ranieri Mazilli. O Samuel Duarte era presidente da Câmara quando perdi a interinidade. Os colegas interinos voltaram; eu não voltei, não me chamaram – havia sido nomeado pelo meu tio Lino Machado, deputado pelo Maranhão. Ele foi deputado por toda sua vida, menos aqui em Brasília, porque ele morreu. Eu já estava casado, casei em maio de 1947. Eu fiz um pedido ao primeiro-secretário, que era do Paraná – não me lembro o seu nome, acho que era Rocha [o primeiro-secretário da Câmara, na época da Presidência do deputado Samuel Duarte, 1947/1948, era o deputado Munhoz da Rocha] – mas ele ia resolver... ia resolver... e não resolvia... não resolvia. Sabe como é que é? E todo o santo dia eu ia ao Palácio Tiradentes. O general Euclides de Figueiredo, amigo do meu pai – almirante da Marinha –, era muito legal e ele colocou a Arina na Câmara, muito depois de eu ter entrado. Então, ele foi me procurar para me apresentar. Mas desisti, não tinha jeito. O primeiro-secretário, acho que era Munhoz da Rocha, na primeira porta que tinha, quando ele me via, ele entrava. Ninguém estava conseguindo nada. E disse: “Agora, vou a Deus.” E aprendi a ir a Deus. Deus é uma palavra que eu não gosto muito de usar. Mas foi aquilo que há! Fui a ele. Ele mandou entrar em seu gabinete, mandou que sentasse, perguntou o que estava precisando, o que desejava; expliquei e contei a “historiazinha”. Era uma segunda-feira, ele virou-se para mim e disse: “Serejo, amanhã, de

manhã, às 10 horas, você esteja aqui na porta da Comissão Diretora.” E respondi: “Está bem.” E fui. Quando terminou, ele foi o primeiro a sair, abriu a porta, e disse: “Pode vir trabalhar que você já está nomeado.” Foram três meses. Esses três meses têm para mim um sentido muito interessante. Levei três meses para escrever um livro chamado *Bumerangue*, a ida e a volta. Inclusive trouxe o livro para vocês. “Três meses...” Tem acontecido em várias ocasiões... para eu provar que existe algum fundamento no “três”. É a trindade. Não gosto de falar de trindade, gosto de falar de “trindade”, porque nenhum de nós é filho de pai porque é homem ou filho de mãe porque é mulher. É filho de pai e mãe. Temos pai e mãe, e nós, e nós. O “treszinho” é muito engraçado, interessante. Deixa-me ver se há outra passagem engraçada. Já falei do João Gilberto. Agora não me recordo. Vamos continuar, pode ser que me venha à cabeça. Vocês têm algo mais a perguntar?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Quanto à atividade legislativa em si, como era antes da mudança? Perto de 1960, logo após a posse do Juscelino, quando começou a amadurecer a idéia da construção da nova capital, como isso refletiu lá no Rio, no Palácio Tiradentes, nos funcionários?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Evidentemente houve movimentos contrários, houve muitas aflições. Muita gente ficou afetada e até chegou a adoecer. Imagine ter que se deslocar sem desejar, obrigatoriamente, compulsoriamente, é meio complicado se separar daquele convívio de tantos anos, etc., ligações com parentes, com amigos. Não era brincadeira. Então, houve isso. Isso aí houve!

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Mas digo o seguinte: antes mesmo de Brasília acontecer, acreditava-se nisso? Quando Juscelino começou a fazer campanha, já se acreditava que haveria essa mudança?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, não se acreditava. Não se acreditava! Não se acreditava! Mas... foi acontecendo! E mesmo durante os acontecimentos, em princípio, ainda existia aquela idéia de que se fazendo certos movimentos, afetaria o processo. Essas coisinhas que a midiazinha faz, não é? Mas a coisa foi... a coisa foi... a coisa foi... Os meus pais, coitadinhos, ficaram agoniados porque eram muito agarrados conosco. Eu disse: “Pai, vai ser o que tiver de ser. Não adianta a gente ficar se contrariando e se infelicitando agora. Vamos admitir até que, de repente, isso não aconteça. Vamos perder espaço de tempo interessante.” Também deixei de ler jornais, porque as campanhas eram muito grandes, absolutamente negativas, achavam que aqui era o fim da picada. Inventaram tanta coisa... eu tenho no meu “livrinho”, a mudança para Brasília. Eu deixei de ler, porque quando havia

aquela possibilidade de não acontecer a mudança, eu estava nela, mas depois que eu vi que a cobra ia fumar, aí parei de ler o jornal, parei de ler tudo. A companhia que transportou os móveis foi a Fink. Quando cheguei estava tudo direitinho, não perdi nada, estava tudo certinho, dentro da sala do apartamento. Eu vim. Vim embora. Já tinha colocado na cabeça que teria de me adaptar a uma outra coisa. O que podia fazer? O Saul, coitado... O Saul queria vir e não... Nós tivemos um colega muito amigo nosso – especialmente do Saul – que morreu de câncer no sangue. Há um nome especial, como é?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Leucemia.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Leucemia. Ele já tinha duas filhas. E aquela amizade muito forte com o Saul. E pediu ao Saul que ficasse sempre atento para isso, porque era como se fosse tudo... e ele acabou casando com ela e depois teve também uma filha. Como ela tinha a família lá, ela conseguiu que o Saul permanecesse lá. Ele queria vir e ficou lá, e eu não queria vir e vim. Mas vejam como é a coisa. Ele estava lá e há dois anos esteve aqui para vender o terreno que tinha no Lago Sul. Essa é a vida de cada um de nós que pode ser diferenciada no sentido da superfície, mas, na realidade, vai trabalhando a fim de termos uma única visão, e vamos bater palmas não mais com a cabeça, mas com o coração.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E a chegada aqui, como foi? Qual era a diferença das coisas lá, da relação com os servidores e aqui, no novo mundo, vamos dizer assim?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Aqui o relacionamento foi maior ainda, porque éramos poucos. Vieram vinte colegas conosco e me responsabilizei pelo primeiro grupo de mudança. Tenho tudo aqui e vou deixar com vocês. Fizemos uma viagem de dois dias e meio e pernoitamos a primeira noite em Belo Horizonte; a segunda noite em Paracatu – que foi fantástico –, onde construíram um pequeno hotel – não tinham nem idéia –, o resto era pensão. Era tudo escuro, havia uma fumaça de carvão, o banheiro era fora, e quando alguém saía precisava ter cuidado, senão caía lá embaixo. Em razão disso, eu e mais quatro preferimos dormir no ônibus. Então, são essas coisas engraçadas e interessantes. Toda a viagem está fotografada.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E como foi dentro do ônibus?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Dentro do ônibus, foi tudo muito bem. Agora, quando chegamos aqui, muita gente chorou de emoção com a vista que Brasília nos proporcionou. Foi realmente algo impressionante. Todo mundo ficou de pé. Foi interessante. Ficamos louquinhos para chegar lá. Foi ali, onde é o Country Club, o Catetinho. Realmente foi interessante. Na saída de lá, é evidente, muita gente veio contrariada, mas não aquela contrariedade de afetar os outros que estavam aceitando. Eles também entregaram os pontos. Sabe como é? Perderam aquele gabarito e se emocionaram quando viram Brasília. Porque Brasília nos acenou, nos abraçou, nos aceitou, nos amou e continua amando.

Evidentemente, havia poucas quadras [residenciais]: a 108, a 107, a 106, a 105, ainda com alguns prédios em conclusão; a 308 ainda iria começar a ser construída. Enfim, ficaram todos próximos. E todos estavam afastados daqueles a quem estavam unidos. Então, todos se uniram aqui de uma maneira especialíssima. E foi muito interessante.

E, nós, acostumados com a água do mar, procurávamos onde havia uma “aguazinha” para ter...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – O lago.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – O lago ainda estava enchendo, ainda não tinha chegado ao rio. Estava enchendo. E para a gente chegar no lago havia uma floresta, não uma floresta alta, mas um matagal. Uma vez, tentamos ir da 106 até lá, porque já víamos um laguinho. Mas não dava para ir. O que aconteceu? As estradas todas já estavam asfaltadas, Asa Norte, Asa Sul, a Península Norte, e aquela via onde hoje fica o Carrefour. Qual o nome daquela via?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – É uma BR.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Isso. Então, não havia a ponte, para a gente atravessar no final da Asa Norte. Não tinha. Terminava ali. Então, dávamos a volta. Quando demos a volta, pela primeira vez, havia um buraco cheio de água, à esquerda. Nós estávamos indo para a Península Norte. Mas tinha um grande buraco, cheio de água. “Ih, rapaz! Pára o carro!” Eram cinco carros. Sabe o que aconteceu? Eu não fui não. Mas todo mundo caiu na água. Era barrenta! Aquela terra vermelha! E ninguém quis saber. O Clube do Congresso não existia, mas a área já estava demarcada. Então, nós íamos para lá, ficávamos lá. Não tinha clube, não tinha nada ainda. E inventávamos as coisas, brincávamos, jogávamos baralho, fazíamos campeonato de tudo o que possa existir. Era isso. Vivíamos assim. E foi

chegando o pessoal. Quanto mais pessoas chegavam, mais coisas iam acontecendo. Fomos vivendo, fomos crescendo e assistimos a todo esse processo que eu considero maravilhoso.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Para quem chegou aqui com a cidade pequena, ou quase sem existir, a Câmara muito pequena, como o senhor viu a construção do Anexo III, do Anexo IV, a realização de concursos, o crescente número de funcionários?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Vamos começar um pouquinho antes. O Assis foi o responsável pela mudança do Rio para Brasília. O Neiva Moreira, que hoje é senador, mas na época era deputado, foi meu colega no jornal *A Vanguarda*, no Rio. Era gente chegando de ônibus, de avião; íamos ao aeroporto para receber deputados, essa coisa toda. O Neiva Moreira um dia me chamou – eu estava na casa do Assis. Eu fui transferido para cá para [minha] função, não para esse trabalho! – e disse: “Olha Serejo, eu queria que pegasse um caminhão e fosse para o aeroporto para apanhar bagagens dos deputados.” Eu disse: “Tá, tá legal, eu vou.” Eu fui, mas não gostei. No dia seguinte ele estava na casa do Assis – porque ele vivia lá. Eu disse: “Olha, arranja outro porque eu não vou mais, eu vou esperar o trabalho começar com os deputados.” Ele achou graça. E foi assim. Eu me dava com ele.

Mas a Câmara estava ainda terminando, não era muita coisa, mas ainda estava terminando algumas coisas. Chegamos no dia 10. No dia 21 seria a inauguração e tinha de estar tudo pronto, e muita coisa chegando, chegando, chegando. Acostumados ao “Palaciozinho” Tiradentes, tinha lugares em que nós entrávamos e não sabíamos por onde sair.

À medida que o tempo foi passando, à medida que as coisas foram chegando, com a inauguração, evidentemente que o trabalho se iniciou. Naturalmente com uma condição ainda não completa, mas já funcionava. Depois começou a chegada dos funcionários novos. Porque era para completar o que já havia, o “principiozinho”. Só existia o Anexo I – fui trabalhar no 22º andar. O deputado Franco Montoro, quando me encontrou, sabia que eu tinha sido secretário de líder no Rio, no Partido de Representação Popular, e me chamou: “Você quer ser Secretário do PDC?” Eu disse: “Quero.” Ficamos no 22º andar. Na ponta havia um salão maior, onde se realizavam as reuniões da bancada, havia o gabinete dele com a sala contígua, tinha a do expediente, a dos funcionários e o meu “gabinetezinho”. Trabalhamos nisso aí, no PDC. Fiquei com ele um ano; depois o Hélio Machado assumiu, e eu continuei sendo o secretário. Fui

nomeado por Franco Montoro chefe de gabinete, quando ele achou que não bastava só um secretário, tinha de ter funcionários, datilógrafos etc.

O Hélio Machado me manteve no cargo; depois voltou o Franco Montoro, que me manteve; depois o Euclides Triquês me tirou, porque tinha um amigo que queria colocar no meu lugar, e fez um ofício me elogiando, que está na minha pasta. Eu vivi todo o período, Palácio Tiradentes e aqui – foram seis anos; só em 1966 que me aposentei. Eu só trabalhei vinte anos, porque quando estava no Rio, como datilógrafo, estavam fazendo uma obra na parte do fundo, no terceiro andar. No segundo andar havia comissões funcionando; a Biblioteca era no primeiro. No terceiro resolveram fazer outras coisas que faltavam. Toda a secretaria foi para o Salão Nobre, as mesas todas agarradas uma na outra. Trabalhava ali o diretor-geral, [o pessoal da] Sinopse, do Expediente, da Taquigrafia. Esqueci. Estávamos agrupados ali. Poderia até dizer aglutinados. Eu estava contando isso para chegar em algum ponto, mas esqueci, vamos adiante que depois eu volto.

A Câmara vivia dessa maneira e você estava lá muito “agarradinho” um com o outro. Foi quando apareceu o general Raif, que comandou nossas tropas na ilha de Fernando de Noronha na Segunda Guerra Mundial. E ele trouxe um projeto dele para o deputado Benjamin Farah apresentar, dando o direito de se aposentar com 25 anos a quem serviu às Forças Armadas naquele período. Esse projeto depois levou o nome de Lei da Praia, eram as capitais dos estados e mais aquela faixa que ia do Rio até Juiz de Fora, que tem muito quartel. E fui eu que o datilografei, eu era o datilógrafo na ocasião. Eu datilografei o projeto, o Benjamin Farah o apresentou, foi aprovado e converteu-se em lei.

Em 1966 começou a surtir efeitos. Todo o pessoal começou a requerer aposentadoria. E o Gérson Costa Rodrigues, que era chefe de gabinete do primeiro- secretário – eu não fiz nada, eu vou dizer porque, eu fiquei na minha – me procurou e disse: “Serejo, vamos requerer também.” Eu disse: “Mas como requerer, rapaz? Eu fiz o Tiro de Guerra, foi o último ano de Tiro de Guerra.” Eu fiz exame para a Escola Naval, mas como era o último ano do Tiro de Guerra, eu poderia não passar, como não passei, porque matemática para mim é uma loucura. Eu fiz Tiro de Guerra. Eu disse: “Fiz Tiro de Guerra, rapaz, duas vezes por semana.” “Mas rapaz, é das Forças Armadas.” Eu disse: “Mas era só domingo e quarta-feira.” E ele: “E daí?” Era lá no Monroe. Eu disse: “Vamos requerer.” Tinha uma cópia de um certificado de reserva, aí disseram; “Não pode ser assim, o Ministério da Guerra é que dá a certidão. Não é esse certificado.” Aí requeremos, e eles nos disseram que tínhamos direito. Ele disse: “Eu não disse?” Eu disse: “Está dito!”

Tinha colegas que perguntavam: “Você não quer ser diretor?” Eu disse: “Fui secretário de comissão, chefe de gabinete, fui não sei o que.... agora eu não quero ser diretor, quero ser diretor de mim mesmo.” E caí fora. Já estava no último nível e fui embora. Daí criaram uma porção de coisas, celebraram a minha existência naquele ambiente chamado de Câmara dos Deputados. Gostei, apreciei. Vivi simplesmente.

Na Comissão de Educação fui secretário no período em que foi votada a Lei de Diretrizes e Bases do Ensino, que deu um trabalho enorme, foram dois dias e meio, incluindo noite, uma coisa louca. Foi muito trabalho. E tinha um colega que tinha muita prática, eu não tinha muita, que me ajudou. Me ajudou porque quis. Ele não trabalhava lá, já faleceu também, e eu esqueci o nome dele, mas não esqueci dele porque ele não é um nome e nem um corpo. É aquele prazer que me deu de me ajudar. E ei de agradecer-lhe eternamente.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Além da Lei de Diretrizes e Bases o senhor se lembra de alguma votação tão significativa?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Com relação à Câmara, eu com a Câmara, a Câmara comigo? Como?

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Nesse período que o senhor trabalhou ou no Rio ou aqui, chamou sua atenção a Lei de Diretrizes e Bases, que foi histórica. Que outras votações significativas o senhor recorda?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Significativo, no caso, realmente de condição, de uma evidência mais apurada, mais aplaudida, uma coisa que chama mais atenção sinceramente não me lembro. Melhor dizendo, acho que tudo valeu. Há momentos pequenos, mas que têm validade muito grande como ato que ninguém enxerga, é um poder que ninguém coloca objeção. Eu não me lembro. Mas, por exemplo, o Carlos Lacerda quando assumia a tribuna – sempre eram anunciados os oradores –, a Câmara ficava lotada, tanto no plenário, com os deputados, como também as arquibancadas, que não eram grandes também, eram pequenas. Uma coisa que me chamou muito a atenção com relação a ele é que era uma pessoa ultra-simples e que aparentava não ser, mas simplíssimo. Falava com tudo que era funcionário, rindo, relaxado, não no sentido de se arrumar, mas no sentido de contactar com as pessoas. Tinha uma inteligência fora de série e quando era aparteado usava uma maneira inteligentíssima para responder, aliado a um espírito flexível. Ele era terrível.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Serejo, nessa época havia Carlos Lacerda, Brizola, Tancredo Neves. Você chegou a datilografar algum discurso para algum deles; projetos ou alguma coisa?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Veja bem, ele saía muito bem de tudo; a sua inteligência era fantástica, ele não agredia, mas o que pronunciava era algo tão forte no sentido de ter resposta com grande dificuldade. No arquivo procuramos qualquer assunto do Carlos Lacerda – seria interessante ser buscado. Quem sabe meu filho, que trabalha na Biblioteca, pode pesquisar.

O SR. ENTREVISTADOR (Pedro Ivan Pellegrini) – Minha pergunta é se você chegou a fazer algum trabalho para eles; tinha Brizola, Tancredo Neves, Carlos Lacerda. Havia um grupo de datilógrafos que atendia os deputados no plenário.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Havia a Seção de Datilografia para atender aos deputados e a uma série de coisas. Nunca trabalhei nessa Seção. Trabalhei na Seção de Sinopse, na Seção de Expediente, na Seção de Taquigrafia, Seção de Comissões; depois disso, fui secretário de líder, chefe de gabinete da Bancada. Depois, fiquei à disposição do diretor França, sem fazer nada, já estava para sair.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – No dia 21 de abril de 1960 você já estava aqui com uma equipe pequena. O que aconteceu de especial nesse dia com os servidores da Câmara e na Câmara?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Eu recebi um convite. Todos nós recebemos convite para participar da inauguração da Câmara. Eu tenho tudo original, “guardadinho”, e tenho as cópias de tudo isso. Saída do Rio... está tudo aqui. Quer ver, vale a pena; quer que eu leia?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Conta como foi o dia.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – O dia 21 foi cheio de gente na rua. Juntaram os candangos todos, juntou o pessoal da Cidade Livre, que é o Núcleo Bandeirante de hoje, juntou muita gente que veio para cá. E eu não fui à Praça dos Três Poderes. Eu fiquei no Eixão Sul. Ali teve festa também, eu fiquei naquela festa.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Mas a Câmara ficou fechada?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, a Câmara teve a solenidade de inauguração. Todos os distintos, todos os parlamentares. Câmara e Senado.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Na Câmara, nessa época, não sei exatamente quando, começou uma atividade cultural, que era a apresentação de um filme, que era apresentado para os deputados e alguns servidores. Esses filmes algumas vezes eram apresentados em primeira mão para os deputados. Você tem conhecimento de quando começou isso? Você chegou a viver isso?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não. Não me lembro. Olha, a minha vida era o seguinte: nessa ocasião eu estava no 22º andar, quietinho, esperando a hora de sair. Eu esperava a hora de entrar e esperava a hora de sair, e não me envolvia. Eu não me envolvia com nada. A não ser no Rio que eu me envolvia com o esporte.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Foi depois, foi no Anexo II que aconteceu isso.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não. No Anexo II, eu acho que não estava mais nele. Foi depois. A minha parte foi o assentamento, o alicerce, as paredes estavam começando a ser erigidas.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Serejo, teria mais alguma coisa que a gente não tenha abordado e que você gostaria de falar?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Eu gosto, eu adoro falar, então, se há oportunidade para isso e se no ambiente em que eu estou eu sinto que as pessoas estão vibrando comigo, numa unidade sentida, aí “eu vou embora”, do contrário, eu fico quietinho, quietinho. Eu vou falar. O Vili falou da ASA, que é a Associação dos Servidores Aposentados da Câmara dos Deputados. Então, agora, eu não sei, isso pode tomar o tempo de vocês. Mas eu posso deixar isso com vocês. Vocês querem ouvir um acróstico que eu fiz? Eu tenho em casa 1.500 acrósticos e tenho algumas poesias comuns, e tenho outras poesias mais difíceis. Eu escrevi muitas vezes, e me vinha a palavra que eu tinha que completar, mas sem saber o sentido delas, e eu tinha que ir ao dicionário, e vinha. O senador Arthur da Távola sempre manda para mim as poesias dele. E eu faço poesias ao som dos versos. Por exemplo: ele manda para mim uma poesia, a primeira foi A Garça. Eu fiz A Graça. Entende? Ao som. Mas essa foi a minha vida antes de vir para aqui. Essa foi minha vida de criar, sabe?

Eu vou voltar ao João Gilberto um instante, porque me lembrei de uma coisa. Eu também gostava de cantar, mas reservadamente. Eu gosto de fazer as coisas para um grupo de pessoas que eu sinto que estão na mesma tônica que eu, que gostam daquilo. O João Gilberto queria que eu o acompanhasse, que eu fosse com ele. Eu digo não, não dá para isso. E ficou por isso mesmo. Agora em 2001, se não me engano, ou 2002, um sobrinho meu montou uma gravadora e me chamou. Disse: “Vem, aproveita e grava aqui um cedezinho.” Ele fez os arranjos, eu fui e cantei. Cantei treze músicas do tipo “Anos Dourados”, “Alguém me Disse”, “Alguém como Tu”, “Marina”, essas músicas. Gravei e dei o CD a uma porção de amigos meus. Eu não estava mesmo interessado em vender, eu queria fazer as coisas que eu gosto de fazer. Aconteceu isso, eu fiz.

Mas vamos ver aqui. O disco está aqui. Vocês têm som? Então eu fiz o seguinte acróstico com Associação dos Servidores Aposentados da Câmara dos Deputados:

Amanhecer como o dia é saber ser como ele, operando-o descontraidamente, e se capacitando integralmente a percorrer a dificuldade da escuridão e a facilidade da clareza. Quem ama a vida não se oprime. Dentro desse vislumbre, o valor ressalta em sabedoria. Sejamos, pois, eternos viajantes, e, por certo, recolheremos o melhor dos resultados: o da união em plena visão. Indelevelmente, documentaremos o nosso caminhar e o retrataremos para espelhar em nosso sentir profundo o nosso amor pelos colegas. O processo existencial salienta com especial nitidez a necessidade de totalizarmo-nos, isto é, atendermo-nos individualmente, e daí projetarmo-nos em verdade, obtendo a comunhão sadia na coletividade. Devemos auscultar o nosso interior, para voltarmos a ser crianças novamente. A Associação dos Servidores Aposentados da Câmara dos Deputados merece assentar-se nesse sentimento. Vamos retornar à fonte, à inocência, ao entusiasmo, diferindo apenas no estado de consciência. Obstar esse seguimento é deformar, é estreitar a razão da vida pela qual fomos chamados a unir-nos um em tudo, tudo em um. Precisa ser o nosso apanágio, o nosso atributo. Doaremos a quem necessitar a nossa compreensão. Ofereceremos a nossa gratidão a quem nos saudar com a sua prestimosidade peculiar à nova idade.

Este aí vai ficar com vocês.

Isto aqui é de vocês também, vou deixar aí. Vocês perguntaram – eu recebi lá um... até foi o Jorge, meu filho, que me levou lá – sobre a Câmara dos Deputados. Minha visão sobre o papel da Câmara dos Deputados na história do Brasil é um acróstico também.

Cabe a cada um realmente dizer algo sobre o papel da Câmara dos Deputados na história do país. Assim, momentos, períodos, épocas, amanhecendo e anoitecendo, sempre que ela representou bem o seu poder, ao ouvir a voz do povo, usando o que lhe competiu democraticamente, ofertou-se sabiamente, mantendo-se à frente do regime da repercussão. Esteve sempre à procura do acertar, do melhor realizar. Usou a persistência, a competência, a inteligência. Teve cuidados especiais para manter-se viva e intocável. Demonstrou ser templo do compartilhar. O regime democrático vibrante e autêntico se manifestou através da Câmara dos Deputados.

Abrigou representantes de altíssimo gabarito

Estou falando do passado, agora não sei o que diria.

É outra coisa de vocês. Com relação a estas fotografias, aquela outra em que estamos em pé, tenho aqui a relação, os nomes das pessoas. Esta fotografia aqui dos craques. Vai ser craque assim no Piauí. Aqui está o João Gilberto. Isto aqui foi o que eu recebi.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Serejo, uma curiosidade. A pessoa podia escolher onde sentar, ou o chefe é que designava o lugar?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Não, nós chegávamos e sentávamos, não havia isso não.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Mais alguma coisa o senhor teria para nos emprestar ou oferecer?

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Vou presentear vocês. Eu não botei a dedicatória. Eu tenho mais livros para deixar, um para cada um, mas estão no carro. O carro está lá no Piauí. Eu já fui lá uma vez para buscar este aqui.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Serejo, a gente queria agradecer a você todo esse material que está nos trazendo. Seu depoimento lembra algumas coisas que estão meio esquecidas e que precisam ser retomadas, para servir um pouco para nós que ainda estamos por aqui. A gente agradece por tudo isso. Estamos à disposição. Se você tiver mais lembranças, mais material – se você quiser ele de volta, a gente escaneia –, algum objeto para emprestar para a exposição, nós devolvemos assim que ela terminar.

O SR. LUIZ PAULO BASTOS SEREJO – Olha, eu quero dizer a você, em razão do que foi dito, que o agradecer realmente é um verbo infinito. E nós o celebramos.

Foi uma oportunidade que a vida nos deu poder estarmos aqui pensando, cantando, celebrando o inusitado viver, a coisa gostosa de ser. O que eu posso dizer mais do que isso? Vocês não acham que nós estamos chegando àquela visão maravilhosa de aceitar a vida como é? De aceitar os nossos irmãos ainda inconscientes, mas que são no fundo conscientes? Só temos de tirar o “in” da frente, e certamente eles também vão ter aqueles momentos semelhantes aos nossos, para saber, depois de ler, o que alcançaram também.

Eu acho que nós estamos agradecidos uns aos outros. O meu agradecimento é profundo, por ter tido a possibilidade de me juntar a vocês e de sentir esse vibrar que me fez também vibrar.

Vou deixar com vocês isto aqui, porque é uma coisa que eu vivi.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Muito obrigada.